



Universidade Federal do Oeste do Pará
Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós graduação e Inovação
Tecnológica



Emitido em 17/04/2024 às 09:52

Projeto de Pesquisa

Dados do Projeto Pesquisa	
Código:	PVCE310-2020
Título do Projeto:	CONTEXTOS E IDENTIDADES DE ESTUDANTES DA PERIFERIA: UM ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA
Tipo do Projeto:	INTERNO (3ª Renovação)
Natureza do Projeto:	Projeto de Pesquisa
Tipo de Pesquisa:	Pesquisa Básica
Situação do Projeto:	EM ANDAMENTO
Unidade de Lotação do Coordenador:	INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (11.01.07)
Unidade de Execução:	INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (11.01.07)
Centro:	INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (11.01.07)
Palavra-Chave:	Contextos, Identidades, Análise do discurso crítica
E-mail:	heliudlmm@yahoo.com.br
Edital:	Edital 01/2023 PROPPIT COTAS AC SEDE
Cota:	PIBIC AC SEDE 2023 (01/09/2023 a 31/08/2024)
Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	
4	Educação de Qualidade
Área de Conhecimento, Grupo e Linha de Pesquisa	
Área de Conhecimento:	Língua Portuguesa
Grupo de Pesquisa:	Grupo de Estudos Linguísticos Texto, Discurso e Ensino
Linha de Pesquisa:	Análise do discurso crítica
Comitê de Ética	
Nº do Protocolo:	Não possui protocolo de pesquisa em Comitê de Ética.
Resumo	
<p>Este Projeto tem por objetivo descrever e analisar a construção das identidades culturais dos alunos integrantes das licenciaturas do Instituto de Ciências da Educação, tendo como referencial teórico pressupostos da Análise do Discurso Crítica. O lócus da pesquisa é o Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, considerando o modo como os sujeitos interagem nesse contexto na sua relação com os contextos sociais e culturais nos quais a Universidade e o Instituto estão inseridos.</p>	
Introdução/Justificativa	
<p>(incluindo os benefícios esperados no processo ensino-aprendizagem e o retorno para os cursos e para os professores da UFOPA em geral)</p> <p>JUSTIFICATIVA</p> <p>Segundo as concepções da Análise do Discurso Crítica, as identidades são construídas na linguagem e pela linguagem. Por essa perspectiva, as práticas de linguagem constroem o próprio contexto em que se realizam. Ao fazer a interrelação necessária entre linguagem e discurso, postulo ser o discurso não uma mera representação abstrata de pensamentos e ideias, mas como prática social, conforme as postulações de Fairclough (2001). Nessa medida, o conceito de Fairclough constitui uma reversão no que diz respeito aos conceitos tradicionais do discurso. Assim, para que a ideia de discurso seja mais profundamente compreendida, Fairclough não descarta a análise linguístico-textual através do que podemos entender um dado discurso como prática. Nesse sentido:</p> <p>Minha tentativa de reunir a análise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais societário de discurso com sentido de texto e interação na análise de discurso orientada linguisticamente. Esse conceito de discurso e análise de discurso é tridimensional. Qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do texto cuida da análise linguística de textos. A dimensão da prática discursiva, como interação, na concepção texto e interação de discurso, específica a natureza dos processos de produção e interpretação textual. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22).</p> <p>Na base dessas formulações, pode-se ter em vista a característica eminentemente linguístico-sociológica perpetrada por Fairclough em relação à natureza dos discursos, cuja interpretação tem como base as diferentes manifestações textuais e o modo como estas servem de instrumento para a construção de diferentes discursos. Assim, determinados discursos, como o jurídico, utilizam-se de certas construções linguísticas e textuais com a finalidade de expressar um conglomerado de conceitos-chave, sem os quais esses discursos não se sustentariam ou não existiriam enquanto tal.</p> <p>Diante do que nos propõe Fairclough (2001), o interesse na interpretação dos discursos leva-nos a entender a dinâmica e a transformação destes, já que constituem, segundo ele, o próprio social. Dada essa natureza, Fairclough (2001, p. 90-91) conceitua o discurso:</p> <p>Ao usar o termo discurso, proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação [...]. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares [...]. O discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo o mundo em significado.</p> <p>Tomando como pressuposto as ideias veiculadas por esse conceito, podemos pensar em discurso não como um elemento acabado, não como um produto, mas como o uso da linguagem, como uma prática corrente e cotidiana, que, de acordo com Fairclough é constituída por relações de poder e investida em ideologias. Assim, a ideia de discurso como prática social incorpora em seu bojo uma infinidade de conceitos, valores e crenças, os quais têm servido aos interesses das classes hegemônicas. Sem nos determos muito na análise crítica do discurso, amplamente discutida por Fairclough em seus trabalhos, consideramos a importância das formulações desse teórico, as quais tem se prestado a uma análise de gêneros e de discursos que ultrapassa os limites de fatores meramente situacionais e micro-gramaticais, e se voltam para interpretação de fatores discursivos mais amplos, em cuja base estão elementos gramaticais e textuais, sem o que não se poderia implementar uma discussão mais aprofundada e segura acerca das várias manifestações de uso da linguagem.</p> <p>Acrescentando mais um ponto ao que já dito, por ser a sociedade eminentemente plural e multi-heterogênea, não se poderia conceber os discursos como limitados, monovalente e uniformes. Desse modo, quando se fala em prática social pode-se compreender a existência de uma multiplicidade de discursos, que se entrecruzam, se misturam e se confrontam, sem perderem, no entanto, suas características essenciais e as formas de se manterem ou se</p>	

que se entrecruzam, se misturam e se confrontam, sem perderem, no entanto, suas características essenciais e as formas de se manterem ou se perpetuarem no seio da sociedade. Logo, compreendendo a diversidade inerente à prática social, tem-se uma variedade de discursos como: o discurso médico, o discurso da propaganda, o discurso político, o discurso ecológico, o discurso jurídico.

Na interrelação linguagem/discurso, compreendendo-se que essas duas últimas instâncias constroem as identidades em mobilização nas diversas culturas e sociedades, considero estas últimas como constituídas por um conjunto heterogêneo de valores, ações e ideologias, o que as torna passíveis de instabilidades e transformações constantes, embora, para um determinado tempo e um dado contexto, contenham características que as fazem diferenciadas entre si. Cumpre esclarecer, que uma determinada identidade é sempre multifacetada e híbrida em sua própria constitutividade. Essa noção descarta a ideia de uma identidade centrada, pura ou essencial, já que carrega os efeitos da contradição, da negação e do conflito. Nesse sentido, as identidades estão sempre negando-se, conflituando-se, a partir do que os indivíduos refutam ou assumem uma dada identidade.

Dado o pressuposto, acima, entende-se as identidades como fundadas em visões/ações diversificadas, conflitantes e nem sempre expressas diretamente em linguagem, por força de coerções de natureza social e cultural, embora não deixem de ser expressas nas interações realizadas pelos indivíduos em seu cotidiano, requerendo-se uma espécie de perspicácia quando da identificação da natureza de uma ação constituída numa certa identidade. Podemos dizer ainda que os discursos constroem as identidades, dando-lhes eficácia e validade ou anulando determinadas práticas identitárias ou mesmo invisibilizando-as, por força de posições já construídas em decorso de processos históricos, nos quais posições, digamos eurocêntricas, fazem com que outras posições sejam invalidadas ou não consideradas. Uma luta contra-hegemônica deve, nesse caso, se instituir como um instrumento para a validação de identidades historicamente excluídas, apagadas e marginalizadas. O contexto da Hipermodernidade instituiu uma luta política capaz de empoderar grupos historicamente destituídos de acesso aos bens simbólicos e econômicos, de forma a dar acesso a esses bens por grupos antes excluídos, requerendo um enfrentamento à altura de práticas autoritárias e segregadoras, mormente pelo uso dos mais diferentes recursos tecnológicos, digitais e informacionais em circulação na sociedade atual, muito embora a luta pela posse desses recursos demande ainda um tempo, exigindo dos indivíduos destituídos desses direitos um enfrentamento constante e permanente.

Hall (2006, p. 10-13) postula três concepções de identidade:

[...] Distinguirei três concepções muito diferentes de identidade, a saber, as concepções de identidade do: a) sujeito do Iluminismo, b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo contínuo ou idêntico a ele ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isto em seguida, mas pode-se ver que essa era uma concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino). A noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos a cultura dos mundos que ele/ela habitava. G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção interativa da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e o exterior entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, sutura) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão mudando. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais lá fora e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as necessidades objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

De acordo com as concepções de Hall (2006), a(s) identidade(s) não é (são) plenamente unificada(s), completa(s), segura(s) e coerente(s). Por essa perspectiva, é válido postular que as identidades são fluidas, inconstantes e complexas, o que implica contradições na sua própria construção. Desse modo, é válido dizer que as identidades estão em constantes confrontações, já que os indivíduos são constituídos, por diversas maneiras, por contextos também diferenciados, híbridos e conflitantes entre si. Logo, os contextos sociais e culturais constroem os sujeitos em diversas maneiras, nem sempre fáceis de serem compreendidas, descritas e visibilizadas. Por outro lado é possível se ter uma noção acerca de uma dada identidade, pois alguns elementos dessa identidade são passíveis de recursividade em sua constituição.

Ainda segundo Hall (2006, p. 17):

As sociedades da modernidade tardia, argumenta ele, são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito isto é, identidades para os indivíduos. Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história.

As postulações de Hall são importantes porque dão validade a uma visão de identidade alicerçada na diferença, produzindo sujeitos antagônicos, capazes de assumir diferentes posições, ou seja, diferentes identidades, que se manifestam nas múltiplas ações dos indivíduos quando de sua mobilização na arena social. Assim, diferentes indivíduos marcam posições diversas nas interações que estabelecem na vida cotidiana, manifestando, portanto, posições conflitantes, nem sempre conscientes e voluntárias, as quais resultam de sentidos historicamente construídos, de que compartilham outros indivíduos, embora não pertencentes a uma mesma identidade, mas passíveis de serem compartilhadas pelos mesmos segmentos sociais e culturais. Essa visão faz das identidades um conjunto de sentidos/significados postos em ação no trânsito dos indivíduos pelas várias instâncias e lugares da sociedade e da cultura.

Ao considerar o jogo de identidades e suas consequências políticas Hall (2006, p.20-21) considera os seguintes elementos:

As identidades eram contraditórias. Elas se cruzavam ou se deslocavam mutuamente. As contradições atuavam tanto fora, na sociedade, atravessando grupos políticos estabelecidos, quanto dentro da cabeça de cada indivíduo. Nenhuma identidade singular por exemplo, de classe social podia alinhar todas as diferentes identidades com uma identidade mestra única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as varia

Objetivos

OBJETIVO GERAL

Estudar os contextos culturais e suas identidades na periferia de Santarém a partir dos conceitos da Análise do Discurso Crítica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Investigar os contextos culturais da periferia de Santarém considerando as identidades em mobilização nesses contextos.
2. Descrever elementos da construção das identidades culturais na periferia de Santarém.
3. Analisar formas pelas quais as identidades culturais da periferia de Santarém se realizam, tendo em conta as contradições aí existentes.
4. Estabelecer elos de comparação entre diferentes identidades existentes entre bairros da periferia de Santarém.
5. Analisar reflexivamente as contradições existentes entre identidades de bairros periféricos da área urbana de Santarém.

Metodologia

METODOLOGIA

Primeiramente farei contato com os alunos das turmas de licenciatura do ICED. Esses contatos iniciais se darão por meio de conversas espontâneas e entrevistas com questões mais amplas, abertas, de forma a proporcionar um ambiente mais interativo. No primeiro momento, opto por duas turmas do Curso de Letras Português/Inglês do ICED, a serem ainda escolhidas. Após as conversas e entrevistas, de âmbito mais geral, é que mantereí um contato mais efetivo com as outras turmas de licenciatura, considerando que tais relatos dizem respeito, direta ou indiretamente, às identidades dos participantes. No segundo momento, continuarei com os diálogos já iniciados, criando um ambiente no qual os estudantes se sintam mais à vontade e possam dizer de suas próprias histórias. Como a pesquisa é etnográfica e participante, é necessário um bom tempo, a fim de que os discentes comecem a relatar sobre o que pensam e fazem. Começarei pelas turmas ingressantes no ano de 2017, depois com turmas mais recentes ingressantes nos anos de 2018, 2019 e 2020, todas do Curso de Letras. Depois, selecionarei turmas de outras licenciaturas. Das sete licenciaturas existentes no ICED, optarei por duas turmas de

04/11/2020	EM ANDAMENTO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura
20/05/2021	RENOVADO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura
18/05/2022	RENOVADO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura
21/06/2022	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	ABRAHAM LINCOLN RABELO DE SOUSA / lincoln.rabelo
27/06/2022	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	ABRAHAM LINCOLN RABELO DE SOUSA / lincoln.rabelo
20/07/2022	APROVADO	EMANOELLA SILVA DE OLIVEIRA / emanoella.oliveira
02/08/2022	EM ANDAMENTO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura
02/06/2023	RENOVADO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
12/06/2023	DISTRIBUIÇÃO PARA AVALIAÇÃO (MANUALMENTE)	GERLANE DA SILVA DUARTE / gerlane.silva
25/07/2023	APROVADO	BRUNO BRAULINO BATISTA / bruno.batista
13/09/2023	EM ANDAMENTO	HELIUD LUIS MAIA MOURA / heliud.moura

Documento emitido por: HELIUD LUIS MAIA MOURA